

I SIMPÓSIO TRANSDISCIPLINAR EM AGROECOLOGIA: construindo saberes e fortalecendo debates

Lívia Layse de Oliveira Jericó¹

Júlio César Novais Santos²

Alineaurea Florentino Silva³

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre a construção de saberes agroecológicos a partir da realização do I Simpósio Transdisciplinar em Agroecologia (I SITRAG), evento realizado pelo Grupo de Agroecologia Umbuzeiro (GAU), entre os dias 08 e 10 de novembro de 2018, em parceria com diversas instituições de ensino, pesquisa e extensão, movimentos sociais e organizações da sociedade civil. A construção metodológica do evento ocorreu por meio de divisões de comissões, incluindo os parceiros, para a construção e a realização do simpósio. Essas comissões se reuniam periodicamente para pensar a linha política, teórica e metodologia do curso, além das demandas de estrutura, articulação e financeiro. O simpósio contou com mesa de abertura, minicursos, oficinas, intercâmbios, apresentação de trabalhos, apresentações culturais e feira agroecológica. A partir do simpósio foi possível reunir uma diversidade de sujeitos que muitas vezes são estigmatizados, inclusive dentro da universidade pública. Desse modo, foi um espaço de quebra de estereótipos dando voz a esses sujeitos enquanto produtores de conhecimentos, enfatizando a importância do saber popular, confrontando a ideia de que apenas o conhecimento científico deve ser validado, e apontando para dialética possível entre os saberes para construção da agroecologia pautada no bem viver e soberania dos povos.

Palavras-chave: movimentos populares; troca de saberes; convivência com o semiárido; extensão universitária. construção de conhecimento agroecológico.

I TRANSDISCIPLINARY SYMPOSIUM IN AGROECOLOGY: building knowledge and strengthening debates

ABSTRACT

This article aims to reflect on the construction of agroecological knowledge from the I Transdisciplinary Symposium in Agroecology (I SITRAG), an event held by the Umbuzeiro Agroecology Group (UAG), between November 8th and 10th, 2018, with the partnership of several teaching, research and extension institutions, social movements and civil society organizations. The methodological construction of the event took place through commission divisions, including partners, for the construction and realization of the symposium. These committees met periodically to think about the course's political, theoretical and methodology line, in addition to the demands of structure, articulation and finance. The symposium had an opening table, short courses, workshops, exchanges, work presentations, cultural presentations and an agroecological fair. From the symposium it was possible to bring together a diversity of subjects who are often stigmatized, including within the public university. In this way, it was a space for breaking stereotypes, giving voice to these subjects as knowledge producers, emphasizing the importance of popular knowledge, confronting the idea that only scientific knowledge should be validated, and pointing to a possible dialectic between knowledge for construction of agroecology based on good living and sovereignty of peoples.

¹ Graduada em Engenharia Agrônoma na Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

² Licenciado em Sociologia, Especialista em Tecnologias de Baixa Emissão de Carbono. Graduado em Engenharia Agrônoma pela Universidade do Estado da Bahia-UNEB/Campus III. Técnico em Meio Ambiente.

³ Doutora em Desenvolvimento e Meio Ambiente pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA), na Universidade Federal da Paraíba. Mestre em Fitotecnia (Produção Vegetal) pela Universidade Federal de Viçosa e Graduada em Engenharia Agrônoma pela Universidade Federal da Paraíba.

Keywords: popular movements;. exchange of knowledge;. living with the semi-arid region;. university extension;. construction of agroecological knowledge.

INTRODUÇÃO

A agroecologia é concebida como uma ciência combinada a um conjunto de práticas que se forma junto às populações do campo e as suas vivências, para atender às necessidades alimentares em suas comunidades, fortemente vinculadas no entendimento ecológico da agricultura tradicional (Altieri, 2012).

Altieri (2012, p. 105) ainda descreve a agroecologia como:

Estudo holístico dos agroecossistemas, abrangendo todos os elementos ambientais e humanos, [...] que sejam produtivos e ao mesmo tempo conservem os recursos naturais, assim como sejam culturalmente adaptados e social e economicamente viáveis. [...] extrapola a visão unidimensional dos agroecossistemas para abarcar um entendimento dos níveis ecológicos e sociais de coevolução, estrutura e funcionamento.

Segundo Guhur e Da Silva (2021), a agroecologia é um conceito ainda em construção, pois outras contribuições foram e estão sendo incorporadas à sua dimensão científica. Isso nos indica que os conhecimentos e os saberes devem ser construídos de forma coletiva, a partir do compromisso com a transformação da realidade. Carregando consigo, princípios em defesa da vida, da diversidade e da soberania dos povos.

Para isso, a construção da agroecologia deve ter como ponto de partida o chão em que se pisa, considerando fatores ambientais, sociais, culturais, políticos e econômicos. No Semiárido Brasileiro (SAB), essa construção se dá a partir da Convivência com o Semiárido a qual concebe uma forma de se relacionar em harmonia com o clima e pautar o fortalecimento dos agroecossistemas locais e complexos em sua diversidade. Perpassando por diversas áreas de conhecimento de forma transdisciplinar, como instrumento de enfrentamento e de resposta ao modelo predatório e explorador de uma agricultura convencional.

O semiárido brasileiro (SAB) é caracterizado, oficialmente, por suas chuvas irregulares no tempo e no espaço, sendo a Caatinga o seu principal bioma (Schistek, 2013). Exclusivamente brasileira, a Caatinga possui vasta diversidade de fauna e flora que não são encontradas em nenhum outro lugar do mundo, as quais se adaptaram aos períodos de estiagem, em uma área que representa cerca de 11% de todo o território nacional (Carvalho, 2004). Além de, por muito tempo, ter sido visto como um lugar de seca, pobreza e atraso, estando esse cenário no imaginário das pessoas até os dias atuais.

Nesse cenário que se forja a lógica de “Combate à Seca”, criando a ideia deturpada de

“Semiárido”, para que, a partir de argumentos técnicos (Moreira, 2018), pudessem culpabilizar o clima pelas contradições existentes, incluindo as questões sociais (Carvalho, 2004). Dessa forma, a educação no SAB se tornou um instrumento importante de afirmação desse lugar, excluindo, anulando e desconsiderando suas pluralidades e possibilidades.

É no seio dessa conjuntura que o semiárido se encontra como um espaço permanente de disputa. Desse modo, por meio da organização de trabalhadores rurais à margem desse sistema, começa a aflorar de movimentos sociais, sindicatos e organizações da sociedade civil para propor e construir um outro olhar para o SAB. Para isso foi preciso pensar em uma nova forma de conviver com o clima, que considerasse as suas diversidades e particularidades.

Diante desse cenário, um grupo de estudantes aliado às lutas das populações do campo passou a se reunir em grupos de estudos para debater e falar sobre agroecologia, no final da década de 1990. O Grupo de Agroecologia Umbuzeiro (GAU) floresce apenas em 2004, enquanto uma organização livre e plural sediada no Departamento de Tecnologias e Ciências Sociais (DTCS) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), formado por estudantes do curso de Engenharia Agrônômica.

Desde então, o GAU fortalece a discussão sobre agroecologia dentro e fora dos muros da universidade, criando parcerias com instituições de ensino, organizações da sociedade civil, instituições de pesquisa, movimentos sociais e redes de agroecologia e educação. Com o passar do tempo, estudantes de outros cursos da UNEB foram acompanhando e incorporando as discussões sobre agroecologia aos seus cursos, como o direito, a pedagogia, o jornalismo e engenharia de bioprocessos e biotecnologia.

O GAU se organiza de forma coletiva, em que não há uma liderança. Todos e todas têm suas atividades individuais e coletivas, por exemplo, a representação junto aos parceiros, organização e planejamento de reuniões e mutirões em sua área produtiva, localizada ao lado de sua sede. Organizando e participando de eventos como cursos, simpósios, seminários e encontros de agroecologia, rodas de conversa, seja dentro da universidade ou fora dela.

Desde a criação do grupo vários eventos foram construídos, como o I e o II Encontro de Agroecologia do Vale do São Francisco (ENAVASF), que contaram com a presença de Ana Primavesi, Ernst Götsch e Marsha Hanzi, nomes importantes da agroecologia no Brasil e no mundo (Silva *et al*, 2020). O I e II Curso Regional de Formação em Agroecologia (CRFA) também são eventos importantes na trajetória do GAU. Rodas de conversa, mutirões formativos e diversas ações para estudantes da UNEB e outras instituições sempre fizeram parte da caminhada do ambiente acadêmico, criando aproximações com a comunidade externa.

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre a construção de saberes

agroecológicos a partir da realização do I Simpósio Transdisciplinar em Agroecologia (I SITRAG), evento realizado pelo GAU, entre os dias 08 e 10 de novembro de 2018, em parceria com diversas instituições de ensino, pesquisa e extensão, movimentos sociais e organizações da sociedade civil.

PROCESSO METODOLÓGICO

O I SITRAG aconteceu entre os dias 08 e 10 de novembro de 2018 no Departamento de Tecnologias e Ciências Sociais da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus III, Juazeiro-Bahia. O evento foi realizado pelo GAU, com a parceria de diversas instituições de ensino, pesquisa e extensão, movimentos sociais e organizações da sociedade civil. Em sua programação estavam palestras, mesas redondas, minicursos, vivências, apresentação oral de trabalhos, vila agroecológica e noite cultural.

O processo metodológico a ser descrito será dividido em dois períodos: a) *a construção*, que compreende todas as atividades anteriores à realização do evento; e b) *a realização*, período do evento propriamente dito.

a) *A construção*

O período de construção para o I SITRAG iniciou em março de 2018, pelo GAU, primeiro traçando os objetivos, as metas e o público a serem alcançados. A partir de reuniões periódicas, houve a necessidade de listar parceiros que poderiam se envolver nesse processo.

Posteriormente, junto a eles, foram delimitados temas estratégicos/geradores, incluindo discussões elencadas como importantes acerca da agroecologia dentro do território, além de uma programação prévia. Cabe ressaltar que esta definição está intimamente relacionada ao campo de ação das organizações parceiras e do GAU, além de carregar as vivências e especificidades.

Após isto, comissões de trabalho foram divididas entre os membros do grupo e os parceiros, as quais possuíam demandas específicas, tais como:

- I. *Comunicação*: responsável pela parte visual e gráfica do simpósio; elaboração da identidade visual, site, folders, banners, convites e normas de submissão dos trabalhos; receber as inscrições, submissões de trabalhos e e-mails, divulgar os seus respectivos resultados (aprovação, correção, recusa); envio de ofícios e autorizações para solicitação de salas e aparelhos de som necessárias para a realização do evento e outras demandas similares;

- II. *Estrutura*: encarregada de garantir a estrutura física para a realização do evento. Garantir meios para o deslocamento, passagem e hospedagem de parceiros, palestrantes e facilitadores; viabilização de ônibus para as vivências, toldos para cobertura de espaços ao ar livre, suporte para banner para as apresentações orais dos trabalhos;
- III. *Financeiro*: incumbido de orçar todos os materiais e demandas das comissões; organizar o caixa a partir de doações em dinheiro, materiais e serviços junto aos parceiros;
- IV. *Técnico-científica*: comissão formada a partir de professores e comunidade externa de notório saber a partir da afinidade e trabalho com o tema central do evento. Foi encarregada de avaliar e deliberar o parecer para os trabalhos submetidos, bem como avaliar as apresentações orais, posteriormente;
- V. *Metodologia*: pensar o espaço-tempo do evento; detalhar toda a programação; sugerir nomes para compor (palestrar) os espaços a partir dos conhecimentos e trabalhos nos respectivos temas;
- VI. *Articulação*: participar de reuniões; ser porta-voz direto do evento com a comunidade externa; enviar os convites aos parceiros; garantir o diálogo e organização entre as comissões.

Durante esse período, reuniões semanais foram realizadas para que as comissões fizessem a socialização das atividades realizadas, além da identificação de pendências e de novas tarefas.

Houve a abertura para inscrições de ouvintes, monitores e para a submissão de trabalhos, no site criado para o evento. Nele, continham sessões específicas, além dos requisitos e normas para cada tipo de inscrição. As inscrições custaram um valor simbólico de R\$ 10,00 (dez reais), para custeio de alguns materiais que foram distribuídos para os participantes e outras demandas.

Os trabalhos puderam ser submetidos em formato de resumo simples ou expandidos, como RELATOS DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA E RELATOS DE EXPERIÊNCIA POPULAR, utilizando como base as normas do X Congresso Brasileiro de Agroecologia, tendo como área temática “Agroecologia, bem viver⁴ e soberania dos povos”.

Foram considerados como resumos simples os trabalhos científicos com real

⁴ “O Bem Viver [...], refere-se, portanto, à vida em pequena escala, sustentável e equilibrada, como meio necessário para garantir uma vida digna para todos e a própria sobrevivência da espécie humana e do planeta. O fundamento são as relações de produção autônomas, renováveis e autossuficientes” (Acosta, 2019, p. 7).

possibilidade de aplicação do conhecimento, a fim de melhorar a vida da comunidade externa, de forma articulada com a agroecologia. Já os relatos de experiências técnicas, descrições de projetos e/ou ações que contribuíram para a construção da agroecologia local, mas podendo ser compartilhadas de forma ampla.

Os relatos de experiências populares foram aqueles escritos por agricultores/as, comunidades e povos tradicionais ou organizações sociais. Foram considerados termos regionais e linguagem coloquial para apresentar as suas experiências em agroecologia.

b) A realização

Durante o período de realização do I SITRAG, as comissões foram reorganizadas com o objetivo de atender às demandas de funcionamento do evento. Contando com a presença de membros do GAU, parceiros e monitores externos inscritos no evento. Tais foram:

- I. *Comunicação*: responsável por capturar registros audiovisuais do evento, bem como publicá-los nas redes sociais;
- II. *Estrutura*: o papel desta comissão foi garantir a estrutura necessária para que os espaços pudessem acontecer, conferir a disponibilidade das salas, lista de frequência, equipamentos e materiais que foram solicitados pelos palestrantes ou facilitadores. Durante a apresentação dos trabalhos, a Estrutura encarregou-se de distribuir, verificar e identificar os cavaletes para os pôsteres e direcionar a comissão técnico-científica para a avaliação das apresentações;
- III. *Financeiro*: foi responsável por controlar o caixa e as doações recebidas dos parceiros, em materiais e outros recursos;
- IV. *Técnico-científica*: esta comissão encarregou-se de avaliar e acompanhar as apresentações orais dos trabalhos;
- V. *Articulação*: a Articulação fundiu-se com a Metodologia para garantir a execução da programação da forma que foi planejada, além de tomar decisões em caso de imprevistos. Entrar em contato com os parceiros e palestrantes, confirmar presenças, receber, situar e direcionar aos locais e posições devidas.

Cabe ressaltar que todas as comissões e as suas devidas atribuições foram decididas em reunião coletiva do GAU com os parceiros, a partir da compreensão comum. As comissões trabalharam juntas e, muitas vezes, interligadas para realizarem as suas tarefas.

I SITRAG: fomentando a construção de saberes agroecológicos para o bem viver e soberania dos povos

O I SITRAG contou com o apoio institucional e financeiro do Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA), Rede Territorial de Agroecologia do Sertão do São Francisco, Embrapa Semiárido, Departamento de Tecnologias e Ciências Sociais (DTCS/UNEB – Campus III), Departamento de Ciências Humanas (DCH/UNEB – Campus III), Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), Núcleo de Estudos e Pesquisa CVT – Sertão Agroecológico (UNIVASF), Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (PPGESA – DCH/UNEB), Programa de Pós-graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental (PPGEcoH – UNEB), Programa de Pós-graduação Agronomia: Horticultura Irrigada (PPGHI – DTCS/UNEB), Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e Serviço de Assessoria a Organizações Populares Ruais (SASOP).

Abraçado pelas organizações parceiras, com o tema “Bem Viver e Soberania dos Povos” (Figura 01), entendendo que essa concepção propõe um novo modo de pensar sobre o campo, enquanto um lugar de produção e reprodução de vida, assumindo valores de soberania, coevolução e comunitarismo (Mazzeto, 2013, p. 91-92). Assim, propôs rupturas no espaço acadêmico, que por vezes se distancia da comunidade, a partir de discussões acerca da agroecologia compartilhando ciência, saberes e vivências.

Figura 01 - Logomarca do I SITRAG com os parceiros do evento.



Realização:



Parceiros:



Durante o período de construção do evento, a partir das discussões coletivas, alguns apontamentos foram levantados, considerando que o espaço acadêmico é um campo de disputa de conhecimentos. O SITRAG se propôs a semear a valorização dos saberes, além do que é transmitido em sala de aula. E os questionamentos: “*Que conhecimento a universidade tem produzido?*”, “*A quem serve esse conhecimento?*”.

A programação

Em sua programação (Figura 1) o evento contou com mesas redondas, minicursos, vivências, noite cultural e apresentações de trabalhos em formato de pôster.

O primeiro dia de Simpósio iniciou com a cerimônia de abertura, composta por representações dos parceiros, para recepcionar os presentes, além de uma breve apresentação do GAU e a sua trajetória. Logo em seguida, aconteceu a mesa de abertura intitulada “Agroecologia e Universidade”. Os minicursos iniciaram no período da tarde com os temas “Regularização Fundiária”, “Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional”, “Agrobiodiversidade” e “Recaatingamento”. Para encerrar o primeiro dia, aconteceu a mesa redonda “Perspectivas da Convivência com o Semiárido”.

No segundo dia, iniciando logo após o almoço, a programação seguiu com os minicursos “Metodologias Participativas”, “Caprinovinocultura no Semiárido”, “Educomunicação” e “Permacultura”. A noite aconteceu a última mesa redonda, intitulada “Questão Agrária”, e para o encerramento ocorreu a noite cultural, com apresentações culturais locais.

O último dia de evento foi marcado pelas vivências no Centro de Formação Dom José Rodrigues, na Comunidade Quilombola Barrinha da Conceição e no Acampamento Abril Vermelho, todas dentro do município de Juazeiro-Bahia. Em seguida, houve a sistematização, troca de experiências e o encerramento do I Simpósio Transdisciplinar em Agroecologia.

Espaços concomitantes como o Banquete Agroecológico, a Vila Agroecológica e a III Reunião Ampliada da Rede Territorial de Agroecologia do Sertão do São Francisco (Rede) também foram realizados junto ao I SITRAG.

O Banquete Agroecológico aconteceu em todos os dias do evento, proporcionado pelo MST, com o almoço para todos os participantes com alimentos orgânicos e agroecológicos produzidos no Acampamento Abril Vermelho, em Juazeiro-Bahia. Já a Vila Agroecológica proporcionou visibilidade para empreendimentos locais e regionais, os quais puderam expor os seus produtos durante todo o período de realização do I SITRAG.

A III Reunião Ampliada da Rede aconteceu no dia 09 de novembro pela manhã, espaço

reservado dentro da programação do simpósio para a reunião. Diferentemente do evento, a reunião foi realizada pela Rede, a qual o GAU faz parte, assim como diversas instituições e organizações da sociedade civil. A reunião recebeu representações de seus membros para o levantamento, socialização e planejamento de ações para o fortalecimento da Agroecologia no Território Sertão do São Francisco (Bahia e Pernambuco).

A escolha dos temas e delimitação do espaço-tempo do evento foi pensada em conjunto, de modo a fortalecer a construção da agroecologia dentro e fora do território. E, principalmente, aproximar essa discussão da comunidade acadêmica.

Os relatos de experiência

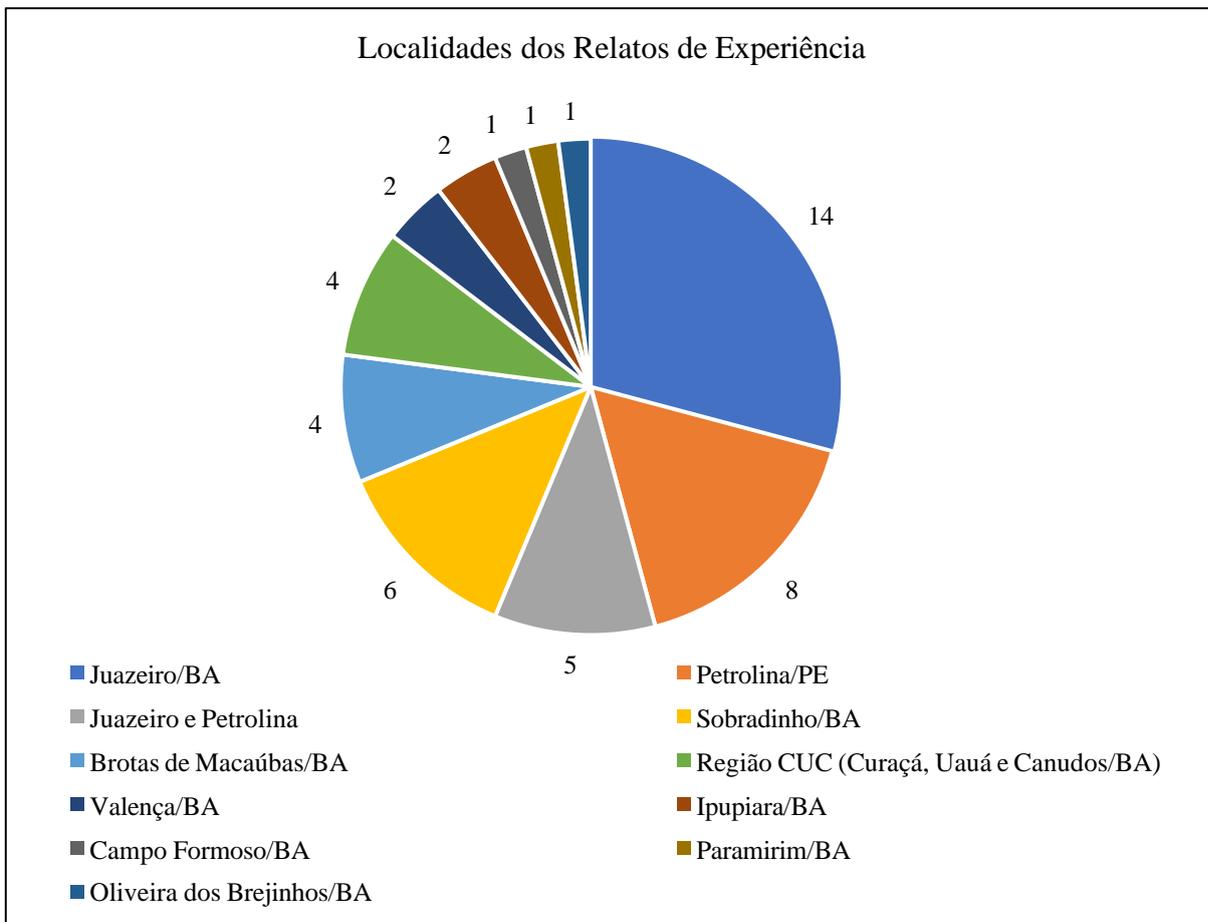
O I SITRAG contou com a participação de cerca de 200 pessoas. Entre elas, 161 inscritos, membros do GAU e representações dos parceiros. O público participante foi muito diverso e enriquecedor para o evento, com a presença de estudantes de ensino técnico de nível médio, graduação e pós-graduação de instituições de ensino de Juazeiro, Petrolina e cidades próximas.

Além das inscrições, foram submetidos 48 trabalhos, tendo como área temática “Agroecologia, bem viver e soberania dos povos”, em formato de resumo simples e resumo expandido nas categorias “Relato de Experiência Técnica” e “Relato de Experiência Popular”. A submissão aconteceu de forma eletrônica pelo site criado para o evento. Lá continham as normas gerais para publicação, as orientações necessárias, os modelos para cada formato, bem como o modelo para o pôster de apresentação.

Ao todo, recebemos 15 relatos de experiência técnica, 28 resumos simples e 5 relatos de experiência popular, os quais foram avaliados por uma comissão técnico-científica formada por professores convidados. Esses retrataram experiências das mais diversas, realizadas em vários lugares dos estados da Bahia e Pernambuco.

Os relatos recebidos foram realizados, em sua maioria, entre as cidades de Juazeiro/Bahia e Petrolina/Pernambuco (como demonstra o gráfico 01) e trataram da construção da agroecologia perpassando por diversas discussões e áreas de conhecimento de forma inter e transdisciplinar. Dentre elas a soberania e segurança alimentar e nutricional, a cultura popular, a educação, a convivência com o semiárido, a agrobiodiversidade, o manejo da Caatinga e as comunidades e os povos tradicionais se destacaram.

Gráfico 01: Localidades das experiências relatadas no I SITRAG.



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2023)

Todos os trabalhos submetidos estavam relacionados às atividades realizadas por estudantes de cursos técnicos e universitários de graduação e pós-graduação. Carregando, essencialmente, contribuições teóricas e práticas para a melhoria da qualidade de vida das populações do campo e da cidade. Também foram compartilhadas experiências de valorização e reconhecimento de saberes e culturas populares. Essa partilha de saberes se torna importante por aproximar o espaço acadêmico da comunidade, a partir da construção de conhecimento de fato efetivos e comprometidos com a sociedade.

Agroecologia e Universidade

O GAU, grupo de referência em seu campo de atuação, é autogestionado e não possui lideranças. Os seus membros são principalmente estudantes universitários de famílias camponesas. Eles participam, de forma voluntária e coletiva, das ações, mutirões, tomada de decisões e têm “importante contribuição na aproximação da universidade com a comunidade,

o que é um dos papéis da academia, mas tão ineficientemente cumprido” (Santos *et al.* 2019, p. 62). Realizar um evento em tamanha proporção marcou a presença do GAU enquanto um grupo ativo e potente dentro do espaço acadêmico. Reafirmando o seu compromisso com as lutas populares e apresentando novos olhares sobre as múltiplas nuances da construção agroecológica.

O ISITRAG foi um marco importante para o debate sobre agroecologia na universidade, o qual deve acontecer conectado à vivência das pessoas. E eventos como esse são ferramentas importantes (Santos *et. al.*, 2019) para contribuir com a formação humana e profissional, servindo para aproximá-las da comunidade externa ou, ainda, proporcionar (re)encontros com suas raízes.

O simpósio atingiu um público plural e diverso, contemplando estudantes, organizações sociais e a comunidade, envolvendo e empoderando os sujeitos a firmarem o seu engajamento na construção de conhecimentos e práticas agroecológicas. Também trouxe várias áreas temáticas que abraçaram a agronomia, a sociologia, o direito, a saúde, a economia, a educação, a comunicação, entre outras.

Além de ciência e prática, a agroecologia também é movimento, a partir de “ações concretas de incidência política por meio das pessoas, movimentos e organizações que levantam a mesma bandeira” (Gonçalves, 2016, p. 7). E carrega consigo a diversidade e as contradições a partir do chão em que se pisa, enquanto processo formador da humanidade, portadora de futuro, transpondo as barreiras dos currículos das escolas e das universidades (Caldart, 2020).

Um marco significativo da realização do simpósio se deu a partir dos relatos de experiência recebidos e apresentados. Altirei (2012) disse que a agroecologia deve ser aplicada de forma criativa, pois as interações ecológicas, sociais, econômicas, políticas e culturais são diferentes em cada lugar. A apresentação oral dos trabalhos reuniu e partilhou de discussões relevantes que permeiam o campo agroecológico de dentro para fora, aliando teoria e prática, dialogando diretamente com as temáticas abordadas durante a programação do evento.

A soberania e segurança alimentar e nutricional ganhou destaque, abordando dimensões econômicas, políticas, sociais, ambientais e culturais como ferramenta de autonomia para a agricultura familiar, bem como para a agricultura urbana e periurbana. A presença do tema foi marcada com o movimento crescente no acompanhamento de hortas e quintais produtivos. As hortas, assim como os quintais, assumem papel crucial para melhoria da qualidade de vida e alimentar de famílias agricultoras, diversificando e preservando espécies e culturas, garantem soberania em relação à aquisição de alimentos e sementes, permitindo às famílias decidirem o quê e como produzir e conhecer a origem de sua produção.

O sistema de produção agrícola, ou agroecossistema, é a principal unidade ecológica. É nele que se dá o processo de trabalho na agricultura, a produção de alimentos e a complexidade das relações, sejam elas sociais ou ecológicas. Altieri (2012) aponta que a diversidade nos agroecossistemas é primordial para a sua proteção e para garantir a segurança alimentar dos povos do campo e da cidade.

Essa diversidade só é possível quando pensamos o ambiente assumindo as suas especificidades. É dessa forma que a Convivência com o Semiárido se sustenta, tratada como um tema transversal e norteador de debates para (re)pensar o modo de vida no SAB. As apresentações orais, levantaram aspectos no que tange à agrobiodiversidade e ao manejo da Caatinga e à adaptação e convivência com o clima. Atualmente, é crescente a preocupação com a vida nesse bioma, pois sua biodiversidade tem sido diminuída com atividades de extrativismo, desmatamento, criação de animais sem manejo. Portanto, quando mal manejadas, essas atividades podem contribuir para processos de degradação dos recursos naturais, a exemplo da compactação do solo, ocasionando processos de desertificação de áreas do semiárido.

E a convivência propõe a ruptura de olhares criados acerca do SAB e “um modo de vida e produção que respeita [...] e constrói processos de vivência na diversidade e harmonia entre a comunidade, seus membros e o ambiente, num processo de coevolução” (Gonçalves, 2016, p. 7). Nesse contexto o I SITRAG também abordou as diversas formas de organização social próprias dessa região, como por exemplo, as comunidades e povos tradicionais, seus modos de vida e manifestações culturais. Tornando possível incentivar o processo de conhecimento e empoderamento dos sujeitos envolvidos, alunos, comunidades e instituições.

A agroecologia perpassa, de forma transversal, todas as abordagens contidas nos espaços do I SITRAG e nos trabalhos submetidos e apresentados enquanto princípio pedagógico e transformador da realidade. Dessa forma, assume papel importante dentro da universidade, visto que um evento com abordagem temática que visa a valorização dos diversos saberes existentes, que vão além da dogmática passada na sala de aula, traz à tona os questionamentos iniciais: “Que conhecimento a universidade tem produzido?” “A quem serve esse conhecimento?”. Afinal, por se tratar de uma universidade pública, é necessário que a produção realizada aproxime a comunidade e seja revertida em melhorias na qualidade de vida da população.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O SITRAG se constitui como um espaço muito importante para aproximar a

comunidade da universidade. A partir do simpósio foi possível reunir uma diversidade de sujeitos que muitas vezes são estigmatizados, inclusive dentro da universidade pública, um exemplo disso é o MST. Desse modo, foi um espaço de quebra de estereótipos dando voz a esses sujeitos enquanto produtores de conhecimentos, enfatizando a importância do saber popular, confrontando a ideia de que apenas o conhecimento deve ser validado, e apontando para dialética possível entre os saberes para construção da agroecologia pautada no bem viver e a soberania dos povos.

Além disso, a partir da construção desse evento é possível apontar a importância da organização da juventude universitária e a formação de redes. Contando com um grupo gerido por estudantes, foi possível reivindicar uns dos tripés que regem as universidades, a extensão. Não é possível construir conhecimentos para contribuir com as populações sem ultrapassar os muros da universidade. Nesse sentido, trazer as populações e movimentos populares para dentro da universidade, além de simbólico, construiu uma ponte para que essas organizações pautem suas demandas e apresentem suas pautas para a comunidade acadêmica.

Portanto, é relevante sistematizar e divulgar experiências como essa, para enfatizar necessidade da extensão universitária na promoção da dialética de saberes. Além disso, trabalhos como esse podem contribuir teórico-metodologicamente para organização e realizações de ações semelhantes a essa, pois demonstra a força que os estudantes organizados têm, assim, por meio de uma articulação em rede é possível promover debates necessários sobre produção conhecimentos agroecológicos dentro da universidade a partir das experiências das organizações da sociedade civil, movimentos populares e agricultores.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Local: Editora Elefante, 2019.

ALTIERI, M. **Agroecologia**: bases científicas para uma agricultura sustentável (3. ed.). Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2012.

CALDART, R. S. (2020). **Educação do Campo e Agroecologia**: encontro necessário. Texto da Exposição realizada no 3º Seminário de Agroecologia e 2º Seminário de EdoC do IFPE – (forma virtual). Belo Jardim: IFPE. Disponível em: <https://mst.org.br/download/educacao-do-campo-e-agroecologia-encontro-necessario/>. Acesso em: 06 dez. 2023.

CARVALHO, L. D. (2004). A emergência da lógica da “Convivência com o Semi-Árido” e a construção de uma Nova territorialidade. *In*: RESAB, Secretaria Executiva. **Educação para a convivência com o semi-árido**: reflexões teórico-práticas. Juazeiro: Secretaria Executiva da Rede Educação do Semi-Árido Brasileiro.

GONÇALVES, A. L. R. (2016). **Sistemas Agroflorestais no Semiárido brasileiro: estratégias para o Combate à Desertificação e Enfrentamento às Mudanças Climáticas** (2. ed.). Recife: Centro Sabiá/Caatinga.

GUHUR, D.; SILVA, N. R. (2021). AGROECOLOGIA. In: DIAS, A. P. *et al.* **Dicionário de Agroecologia e Educação**. Rio de Janeiro-RJ e São Paulo-SP: Expressão Popular. Disponível em: <https://www.epsjv.fiocruz.br/publicacao/livro/dicionario-de-agroecologia-e-educacao>. Acesso em: 06 dez. 2023.

MOREIRA, G. (2018). **Sertões contemporâneos: rupturas e continuidades no semiárido**. Salvador-Ba: Eduneb; Edufba. Disponível em: <http://www.saberaberto.uneb.br/handle/20.500.11896/991>. Acesso em: 06 dez. 2023.

SANTOS, E. N., JERICÓ, L. L. O., SANTOS, J. O., SOUZA, J. W. T., VILA, G. M. A., BISPO, R. S. (2019). Curso Regional de Formação em Agroecologia: Temas Estratégicos para Diálogos em Agroecologia. In Andrade, D. F. (Ed). *Agroecologia em Foco 2* (pp. 60-72) Belo Horizonte, MG: Poisson. Disponível em: <https://poisson.com.br/2018/produto/agroecologia-em-foco-volume-2/>. Acesso em: 06 dez. 2023.

SCHISTEK, H. O Semiárido Brasileiro: uma região mal compreendida. (2013). In CONTI, I. L.; SCHROEDER, E. O. *CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO BRASILEIRO Autonomia e Protagonismo Social*. Brasília, DF: IABS. Disponível em: <https://www.asabrasil.org.br/images/UserFiles/File/convivenciacomosemiaridobrasileiro.pdf>. Acesso em: 06 dez. 2023.

SILVA, E. P., OLIVEIRA, A. S., SANTOS, J. C. N., SOUZA, D. L., OLIVEIRA, C. S., SANTOS, A. (2020). Construção do conhecimento agroecológico entre o Grupo de Agroecologia Umbuzeiro e os estudantes da república do IRPAA. *Cadernos de Agroecologia*. 15(2). Disponível em: <https://cadernos.aba-agroecologia.org.br/cadernos/article/view/3545>. Acesso em: 06 dez. 2023.